

**“Somos todos forasteiros”: *Forasteiros: crônicas, vivências e reflexões de um torcedor visitante*, de Rodrigo Barneschi**

*Foreigners: Chronicles, Experiences and Reflections of a Visiting Supporter*, by Rodrigo Barneschi

**Bernardo Borges Buarque de Hollanda**

Escola de Ciências Sociais/FGV-CPDOC

Doutor em História, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

Livros sobre futebol no Brasil têm uma trajetória irregular e errática. Embora a sua produção seja expressiva, foram poucos os autores que se projetaram e cujas obras assistiram a reedições, e menos ainda os que conquistaram um público significativo para os padrões mercadológicos de venda no país. Sucede com a literatura algo análogo ao cinema quando tematiza o futebol: o contraste entre a popularidade do assunto no dia a dia – sua audiência nos meios de comunicações – e a relativa pouca adesão às linguagens que os transladam à esfera de representação artístico-literária.

As evidências em torno da baixa receptividade do tema no âmbito cultural não impedem o reconhecimento da qualidade de textos cronísticos, jornalísticos e históricos dedicados ao futebol desde o século XX. Exemplos mais notáveis de nossa bibliografia futebolística encontram-se na floração de livros que surgiu no final dos anos 1960, sob os auspícios da caseira Editora Gol, ao estrear com *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira* (1967), antologia organizada por Milton Pedrosa e prefaciada pelo crítico literário húngaro Paulo Ronai.

No século XXI, o mercado editorial deu alguma atenção ao futebol em função da chamada “década esportiva” (2007-2016), quando se realizaram em terras brasileiras os megaeventos internacionais. Como se sabe, tais competições levantaram uma agenda controvertida em torno de seus benefícios e malefícios ao país, com movimentos prós e contra, com o tal “vai e não vai ter Copa”, expressão de mais uma das polarizações que assola o país desde então. Ainda que muitos livros tivessem aparecido a despeito desse calendário, e do inevitável “modismo” correlato, convém reconhecer a influência suscitada pela pauta midiática antes, durante e depois de tal decênio de disputas competitivas ocorridas em solo nacional.

Em alguns casos, o êxito editorial desse período deve ser reconhecido. Evoco tão somente a série da editora Ediouro, que concebeu a Coleção Camisa 13 na primeira década deste século. Nela, figuras públicas do jornalismo e da cultura brasileira – Ruy Castro, Nelson Mota, Aldir Blanc, Eduardo Bueno, Roberto Drummond, Luiz Fernando Veríssimo – reescreveram a história de seus clubes, em estilo leve e atraente ao grande público.

Tal conjuntura atraiu até mesmo o *mainstream* do mercado editorial das duas últimas décadas. Se o santista e aficionado por futebol, Luiz Schwarz, desde os tempos da Editora Brasiliense, já publicava títulos sobre a temática, nos anos 2000 o editor da Companhia das Letras permitiu que ensaístas acadêmicos, nacionais e internacionais, publicassem livros de peso, capazes de primar pela sofisticação intelectual. Enumerem-se notadamente o *Veneno remédio*, de José Miguel Wisnik; *A dança dos deuses*, de Hilário Franco Jr.; e *Elogio da beleza atlética*, de Hans Ulrich Gumbrecht.

A editora de Schwarz também foi responsável por recolocar em seu catálogo um sucesso internacional no quesito “hooliganismo”, e que dialoga com o livro a ser aqui resenhado, como veremos adiante. Trata-se da tradução de *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*, de Bill Buford, que saiu originalmente no Brasil no início dos anos 1990 e que volta à cena pela mesma editora duas décadas depois, através do seu selo Companhia de Bolso.

Para a mesma editora, o jornalista Ruy Castro também foi o responsável por recolocar a riqueza da tradição cronística nacional novamente em circulação, com a organização de *O sapo de Arubinha*, uma seleção de saborosos “causos” do cronista Mário Filho, e com a reunião em dois volumes das melhores crônicas esportivas de Nelson Rodrigues: *A pátria em chuteiras* e *À sombra das chuteiras imortais*.

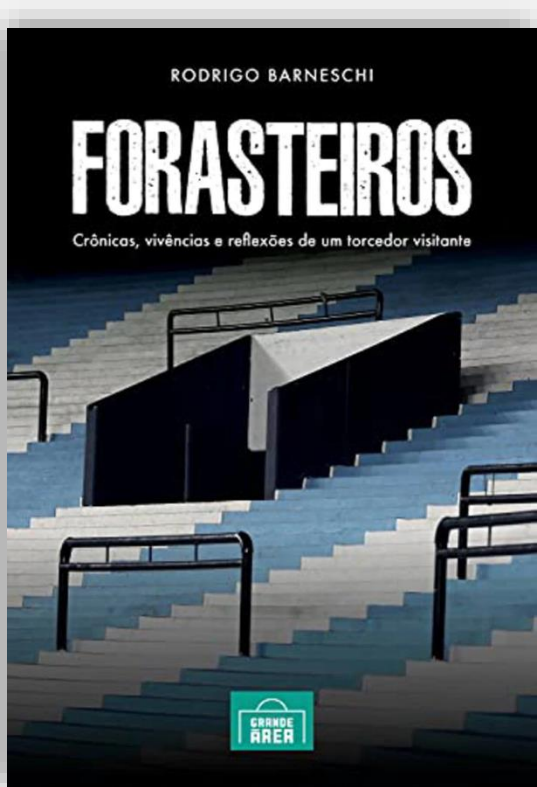
Nesse panorama, a hoje finada Editora Cosac Naify adotou um arrojado espírito de elevação “espiritual” do tema do futebol em sua coleção. Com catálogo formado, entre outros, por crítica de arte, antropologia, estética e filosofia, a editora destinou espaço futebolístico por anos a fio, com uma série coordenada por Augusto Massi, em esmeradas obras de capa dura, de alto acabamento e de relíquias imagéticas, consagradas às memórias esportivas e à veneração da era de ouro da história futebolística.

Faço esse preâmbulo um tanto extenso para adentrar no assunto da resenha. Pois quero chegar às editoras que, na esteira da tal “década esportiva”, procuraram se especializar em títulos de futebol e que vêm tentando estruturar um nicho ao redor do

assunto. A irregularidade e a errância da bibliografia, acima referidas, tornam a empreitada desafiadora, para dizer o mínimo, junto às sucessivas crises econômico-financeiras e às torturantes instabilidades políticas por que passa o país. Apesar de tudo, assiste-se às iniciativas corajosas de editoras como a Ludopédio, a Pontes e a Grande Área.

Enquanto a primeira tem perfil mais acadêmico, desdobramento das atividades de seu instigante portal, com mais de uma década de existência, a segunda e a terceira voltam-se a títulos futebolísticos mais gerais, parte delas fruto de uma política de traduções. A editora

Grande Área foi a responsável pela cuidadosa



edição de *Forasteiros: crônicas, vivências e reflexões de um torcedor visitante*, do jornalista e torcedor Rodrigo Barneschi, viabilizada após uma campanha de levantamento de fundos – são 13 páginas de agradecimentos ao final, com todos os colaboradores listados –, obra que ora passamos a analisar.

Sublinho acima o emprego do adjetivo “cuidadoso”, porquanto ele acentua uma diferença frente a muitas das publicações saídas do gênero nos últimos decênios. A multiplicação de títulos publicados no período nem sempre correspondeu a um processo de elaboração e

de maturação prévios, seja de investimento de pesquisa seja de zelo à escrita, que um bem cultural como um livro requer. Grosso modo, muito da bibliografia setORIZADA em esportes, ao menos esta é minha percepção ao passar em revista centenas de lançamentos ao longo de anos, atendeu à celeridade de uma demanda informativa e passou a abordar todo e qualquer tipo de campeonato, clube, personagem e evento acontecido.

O fenômeno, por certo, foi ao encontro do preenchimento de lacunas de uma história jornalística do futebol, enriquecendo-o, é verdade, mas isso por vezes à custa de um maior cuidado, diria mesmo em detrimento do artesanato intelectual indispensável a uma obra de referência, tanto do ponto de vista autoral quanto editorial.

*Forasteiros* distingue-se dessa tendência e prima pelo rigor jornalístico-literário da sua composição. Salta à vista, em forma e conteúdo, o esmero da sua edição e o apuro de seu autor no tratamento da obra. Prefaciado pelo historiador Luiz Antônio Simas e ilustrado pelo fotógrafo Gabriel Uchida, o livro de Rodrigo reflete uma vida, ou melhor, o percurso de uma vivência no futebol, tendo por epicentro seu *locus* presencial e primordial: o estádio. Para tanto, não se trata meramente de reportar impressões de viagem ou de escrever recordações aleatórias das arquibancadas.

A disposição nesse esmerado objeto-livro pode até, aqui e ali, evocar o estilo de um diário, mas a urdidura artesanal por trás do texto diz muito do seu significado e do seu resultado como uma obra memorialística singular e potente. O livro constitui um retrato dos dilemas do futebol globalizado no século XXI, do ponto de vista de um lídimo aficionado brasileiro. Este é definido como aquele que “gira a catraca” e que lida com a experiência de deslocamento rumo a centenas de praças esportivas paulistas, brasileiras e sul-americanas, em meio às pressões convertedoras do torcedor em consumidor e do estádio em arena.

As mais de duzentas e cinquenta páginas, cuidadosamente construídas, traçam uma narrativa de formação, em que se percebe o empenho de seleção, de narração e de reelaboração da memória, que é subjetiva, mas também coletiva. O memorialismo, gênero esquivo e sinuoso por excelência, cheio de artimanhas conscientes e inconscientes, condensa no livro a imagem caleidoscópica das múltiplas vivências e das peripécias do ser torcedor-viajante.

Como dito, a escrita perpassa três décadas de frequência a praças esportivas de São Paulo, do Brasil e da América do Sul, entre 1990 e 2020. Sob a égide do sacrifício pessoal e familiar, narra o acompanhamento altruístico ao clube do seu coração, a Sociedade Esportiva Palmeiras, mas, ao fazê-lo, coloca-se longe de uma pretensão totalizante. O *eu* narrador dessa espécie de *Bildungsroman* esportivo – o romance de formação dos alemães que, como Goethe, viajavam para experimentar a diferença e forjavam o próprio caráter ao se deslocar, com a compreensão de si a partir da alteridade de outras terras e de outros povos da Europa, em especial as fronteiras culturais do Mediterrâneo – tem consciência da impossibilidade de esgotamento do relato de tudo que foi visto e sentido.

A opção pelo fragmento é, pois, a marca dos trinta e dois capítulos que enfeixam o livro. Ao mesmo tempo, tal caráter incidental e fragmentário da narração não impede a percepção de um arco temporal que se fecha. Eis, ao fim e ao cabo, a transformação da

criança em adulto – o Rodrigo de nove anos, que assiste em 1990 à descoberta do outro, com a passagem da ruidosa caravana santista em São Vicente – e a coexistência do indivíduo com o torcedor mais maduro, em 2021. Esta baliza se encerra com o relato do derradeiro capítulo, a descrever a ida ao Maracanã, sob empecilhos pandêmicos, para assistir à conquista do bicampeonato da Taça Libertadores contra o mesmo Santos.

Para fazer jus ao aforismo de Machado de Assis – “o menino é o pai do homem” –, o fecho da narrativa carrega consigo esse valor literário de transmissão geracional, por meio de um rito de passagem e de iniciação tradicionalmente masculino, legado e dedicado por isso aos seus dois filhos.

Flashes os mais anódinos e *short cuts* os mais variados do *antes*, do *durante* e do *depois* dos jogos são escolhidos para retratar facetas do ir e vir dos torcedores visitantes. São cenas e lances de incidentes e de situações-limites vivenciadas em partidas, muitas delas com ampla cobertura da mídia, mas ignoradas e contrastadas por quem se refestelou comodamente como telespectador em seu sofá: “mas você vai até Itu para ver um jogo desses, no mesmo horário da final da *Champions League*?”.

As reminiscências incluem os traslados ao interior de São Paulo, a condição forasteira em derbies locais, a participação nas caravanas interestaduais – parte delas vividas como torcedor organizado da Mancha Verde e depois como membro do grupo de amigos palmeirenses *Dissidenti* – para enfrentar as rivalidades (Flamengo e Cruzeiro são os rivais mais enfatizados, mas também se salienta a amizade com vascaínos, atleticanos e gremistas), e ainda os voos, alguns deles em *bate-volta*, para as partidas sul-americanas. Em todas estas, sente-se a ameaça iminente de se estar não apenas em terra estrangeira, como sobretudo em “território hostil”.

As impressões das partidas na Argentina – seu paradeiro favorito –, no Uruguai, na Bolívia e no Chile revelam o fascínio do autor pela resiliência da “cultura torcedora” portenha, haja vista seu repertório musical, sua disposição gregária, seu patrimônio material e simbólico, encarnado nos trapos e nos cânticos embalados pelo *bombo de murga*. Numa palavra, valoriza-se o “aliento” incansável e a tradição torcedora menos afetada pelos enquadramentos submetidos com a arenização imposta às torcidas no Brasil. O campo de jogo até aparece, aqui e ali, na narrativa, mas o foco do autor são as agruras da travessia, os sufocos dos deslocamentos e as vicissitudes por que passa um torcedor nas “partidas fora de casa”, dentro e fora dos estádios, na interação *pré* ou *pós*-jogo.

Graças a uma escrita fluente, que denota as virtudes de um bom jornalista e de um sensível observador com dotes de etnógrafo – ou seja, seu clubismo em nenhum momento compromete a visão e a compreensão do *outro* –, o livro traz fatos inusitados desse por assim dizer “submundo”, contagia, surpreende e produz empatia ao relatar os riscos a que se sujeita um torcedor visitante, em sua condição de segmento minoritário e alvo “inimigo” nas dependências e nos arredores de um estádio. Tal fluxo de experiências intensas cristaliza-se afinal no imaginário segundo o qual o forasteiro é o representante agonístico e heroico de toda uma coletividade chamada torcida.

Embora a proposta da obra não seja acadêmica, identifica-se uma série de rendimentos analíticos teórico-conceituais a extrair da leitura de Barneschi e que cabe, nos limites de uma resenha, tão somente aludir em duas remissões. A primeira delas remete aos elementos lúdico-esportivos, conceituados pelo sociólogo francês Roger Caillois, que são mobilizados na atmosfera das arquibancadas e apropriados à sua maneira pela lógica das torcidas. São elas: a imitação, a vertigem, o combate e o acaso.

Por certo, Caillois refletiu nos anos 1950 sobre esses aspectos à luz da dinâmica intracampo, mas a leitura de Barneschi suscita a percepção de como tal conjunto de ações e valores se fazem operáveis extracampo, no jogo paralelo vivenciado e dramatizado pelas torcidas. Cada um desses elementos pode ser identificado no decorrer do texto, quando se narram as imponderáveis mazelas de locomoção a um estádio distante – leiam-se em especial os capítulos “Camuflagem colorada” e “Estradas, aeroportos e confins” –, quando o forasteiro elabora suas estratégias de despiste (ou drible) do adversário até a chegada ao setor visitante ou quando ataques, emboscadas e confrontos, alguns deles evitáveis se houvesse atenção mínima dos organizadores – essa é uma indignação que percorre de ponta a ponta o livro –, sucedem entre torcedores e policiais, ou entre torcidas rivais.

A segunda remissão de cunho mais acadêmico diz respeito ao conceito de aventura e à figura do estrangeiro, desenvolvidos pela tradição intelectual germânica na virada do século XIX para o XX, notadamente pela crítica da cultura de Georg Simmel e Walter Benjamin. O aventureiro de Simmel e de Benjamin é aquele que interrompe a estabilidade da vida cotidiana para lançar-se em uma dinâmica espacial e temporal extraordinárias, em que o fluxo vital e o significado da existência são alterados de maneira profunda.

A experiência da aventura é também uma dimensão vicária de ordem narrativa, própria da transmissão oral, que pode ser sintetizada na fórmula “viver para contar”. Sabe-

se que o repertório de histórias de caravanas de viagens entre torcidas organizadas é vasto e Rodrigo nos oferece aqui uma amostra antológica delas. Vale-se para tanto da estratégia de subdividir tais registros em microrelatos no interior de cada capítulo, a fim de abarcar o maior número possível de situações extremadas que testemunhou e que transfigurou em registro escrito compartilhado.

Tocam-se acima em pontos caros à Academia para voltar ao que parece fundamental na busca pela definição de um valor para este livro incomum, conforme observa Luiz Antônio Simas no prefácio. O fato de ele ser singular não impede a busca por parâmetros e referências e, nesse sentido, diria que o livro se situa no entrecruzamento de duas tradições de obras sobre futebol, mapeadas no início desta resenha: a primeira, nacional, deita raízes literárias no legado da melhor crônica brasileira e pontifica em narradores como os já citados Mário Filho e Nelson Rodrigues, pela capacidade de ver o futebol além da bola e do campo de jogo, olhando e venerando o torcedor, que deixa de ser coadjuvante e se torna protagonista.

A outra tradição que este livro entrecruza é a dos narradores contemporâneos estrangeiros, entre jornalistas e críticos literários, que se dedicaram a registrar o comportamento torcedor nesses deslocamentos dos circuitos do calendário esportivo europeu, dando origem à subcultura *ultra* e *hooligan* e à problemática da violência e das formas de vigilância a ela associadas. Pode-se mencionar o aqui também já citado livro de Bill Buford, no original em inglês, *Among the thugs*, mas também o de Franklin Foer, traduzido em português: *Como o futebol explica o mundo*.

E assim volvemos à questão editorial do início da resenha. O sucesso do *voyeurismo* esportivo de Buford resultou em um *boom* editorial no mercado inglês com vários tipos de relatos do gênero, de livros de memória e autobiografias a ficções e filmes. O escritor contemporâneo John King aventurou-se no romance *Football factory*, livro de quase quatrocentas páginas sobre o universo de um jovem torcedor do Chelsea e de seu grupo de amigos torcedores, versão ficcional que seria transposta também para as salas do cinema.

Aquele que considero mais próximo do livro de Rodrigo, e pelo próprio citado como espécie de livro de cabeceira, é Nick Hornby, roteirista de *Alta fidelidade*, aficionado pelo londrino Arsenal. Hornby publicou *Febre de bola: a vida de um torcedor*, um verdadeiro *best seller* que teria acolhida internacional, sendo também adaptado para o cinema. Escrito em forma de diário de bordo, o livro relata as memórias de adolescência e juventude do escritor nos estádios ingleses, divididos em três tempos: 1968-1975; 1976-1986; 1986-1992.

Esse conjunto de trabalhos passou a ser valorizado tão logo o hooliganismo se tornou um fenômeno sob maior controle na Inglaterra, por assim dizer domesticado, desencadeando por outro lado polêmicas em torno da glamourização das brigas naquelas obras autobiográficas e memorialísticas, literárias e cinematográficas. Tais bens culturais contribuíram assim para a consolidação de um imaginário acerca dos *hooligans* na Europa e em boa parte do mundo, por intermédio de um subgênero narrativo intitulado *hooli-lit*.

Paralelismos e digressões à parte, concluo dizendo que *Forasteiros* é um magnífico retrato crítico do futebol brasileiro contemporâneo, um relato pungente da crise de consciência do mundo esportivo que, como diria Hobsbawm, se dilacera progressivamente no século XXI, em face das contradições e das armadilhas inerentes à sua própria espetacularização. Trata-se de livro capaz de captar, por um ângulo inusitado e original, o ponto de vista de um torcedor esquecido, cujos ensinamentos da vida de arquibancada serão fruídos por outros apaixonados, que irão identificar suas próprias histórias nas histórias de Rodrigo.

Por fim, as lições legadas por essa obra são indispensáveis a determinados dirigentes de clube e a certos profissionais dos meios de comunicação, a autoridades públicas e privadas, a ungidos legisladores do futebol, a justiceiros e cruzados da moral e dos bons costumes que, por meio dos exemplos aqui trazidos, teriam, se bem aprendidos, melhores instrumentos para agir e para falar em nome desse esporte que – “apesar de vocês” – continua sendo a paixão das massas. Enquanto se aguarda o dever de casa dos agentes do poder (os capítulos “Inteligência organizada” e “Arapuca federal” são obrigatórios), façamos ecoar o bordão de Rodrigo: torcedor, gira a catraca!

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BARNESCHI, Rodrigo. **Forasteiros**: crônicas, vivências e reflexões de um torcedor visitante. Campinas/SP: Editora Grande Área, 2021.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 05 jan. 2022.  
Aprovado em: 17 mar. 2022.